

# MARCAS E PALAVRAS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS DO SÉCULO XX EM SAN LUIS POTOSÍ, MÉXICO

■ BLANCA SUSANA VEGA MARTÍNEZ  
Universidade Autônoma de San Luis Potosí

**RESUMO** Este artigo deriva de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo recuperar a memória institucional de estudantes universitárias e professoras que ingressaram no ensino superior no século XX. O texto está organizado em duas fases, a primeira apresenta os registros das primeiras alunas da Universidade de San Luis Potosí, em suas várias carreiras; através de fontes documentais, conseguimos apresentar seus nomes e profissões, todas da primeira metade do século XX. Em uma segunda fase, através da história oral, apresentamos os relatos de duas mulheres que estudaram na Universidade, durante a segunda metade do século XX, uma época importante para o acesso das mulheres ao ensino superior. Ambas falam de suas experiências e trajetórias universitárias. Finalmente, nas reflexões, destacamos a importância de resgatar a memória daquelas mulheres que criaram espaços, mas que também foram formadoras de novas mulheres profissionais e, ao mesmo tempo, romperam os estereótipos marcados por uma sociedade que sustentava que a natureza das mulheres estava destinada ao cuidado das crianças e do lar.

**Palavras-chave:** Mulheres. Estudantes. Universidade.

**ABSTRACT** **TRACES AND WORDS OF UNIVERSITY STUDENTS OF  
THE XX CENTURY IN SAN LUIS POTOSÍ, MEXICO**

This article derives from research that is in progress, which objective is to recover the institutional memory of university students and professors who entered higher education during the 20th century. The text is organized in two phases, the first presents the records of the first students of the University of San Luis Potosí in their various degrees; through documentary sources we managed to present their names and professions, all of them from the first half of the 20th century. In the second phase, through oral history, we presented the stories of two women who studied at the University during the second half of the 20th century, an important time in women's access to

higher education, both tell us their experiences and university trajectories. Finally, in the reflections we pointed out the importance of recovering from memory those women who created spaces, but who were also trainers of new professional women and who at the same time broke the stereotypes marked by a society that defended that the nature of women was the care of the children and the home.

**Keywords:** Women. Students. University.

## RESUMEN

## HUELLAS Y PALABRAS DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIAS DEL SIGLO XX EN SAN LUIS POTOSÍ, MÉXICO

Este artículo deriva de una investigación en curso la cual tiene como objetivo recuperar de la memoria institucional a las estudiantes y profesoras universitarias que incursionaron en la educación superior durante el siglo XX. El texto está organizado en dos fases, la primera presenta los registros de las primeras estudiantes de la Universidad de San Luis Potosí en sus diversas carreras; a través de fuentes documentales logramos presentar sus nombres y profesiones, todas ellas de la primera mitad del siglo XX. En una segunda fase, a través de la historia oral, presentamos los relatos de dos mujeres que estudiaron en la Universidad durante la segunda mitad del siglo XX, época importante en el acceso a la educación superior de las mujeres, ambas nos relatan sus experiencias y trayectos universitarios. Finalmente, en las reflexiones señalamos la importancia de recuperar de la memoria a aquellas mujeres que generaron espacios, pero que también fueron formadoras de nuevas mujeres profesionistas y que a la vez rompieron con los estereotipos marcados por una sociedad que sostenía que la naturaleza de la mujer era el cuidado de los hijos y el hogar.

**Palabras clave:** Mujeres. Estudiantes. Universidad.

## Introdução

Este artigo apresenta dois momentos históricos de mulheres que ingressaram no ensino superior, em San Luis Potosí, no México. Na primeira parte, localizamos as mulheres que ingressaram na Universidade de San Luis, na primeira metade do século XX, com a finalidade de conhecer seus rostos, nomes e trajetórias universitárias, por meio dos documentos. Em um segundo momento, apresentamos as palavras de duas universitárias que estudaram na ins-

tituição, nos anos de 1952 e 1969, cujos relatos nos falam de suas experiências, ao entrarem em uma instituição onde poucas mulheres da época tiveram acesso. A primeira universitária pertenceu a uma escola majoritariamente masculina e a segunda a uma escola com um maior número de mulheres, porém com professores do sexo masculino. Além disso, ambas tiveram a oportunidade de atuar como professoras universitárias, depois de sua graduação.

Neste texto, procuramos recuperar, da memória institucional, aquelas mulheres que ingressaram, como estudantes e professoras, na Universidade Autônoma de San Luis Potosí (UASLP), no século XX, a partir de uma pesquisa, em andamento.

As fontes documentais foram investigadas no Centro de Documentação Histórica “Lic. Rafael Montejano e Aguiñaga”, pertencente ao Arquivo Histórico da UASLP (CDHRMA-AHUASLP), em que se compila a maioria dos documentos históricos da universidade; os documentos tiveram sua origem em listas de professores e matérias, atas do Conselho de Direção da Universidade H., nomeações, assembleias de professores, funcionários e cátedras. Apresentamos, ainda, as palavras das duas mulheres, uma formada pela faculdade de direito e a outra em enfermagem pela UASLP; através da história oral, mostramos o relato de suas experiências universitárias.

A presença das mulheres na educação superior universitária, no México, durante o século XX, foi limitada. Embora algumas tenham desenvolvido carreiras consideradas femininas, muito poucas conseguiram frequentar, como estudantes, carreiras consideradas socialmente masculinas. Deve-se notar, portanto, que, no México, durante muito tempo, a educação universitária representou um campo proibido para as mulheres. Assim, podemos observar que, durante mais de dois séculos, as academias e as universidades continuaram relutantes em admitir as mulheres, primeiro como estudantes e depois como professoras, nas salas de aula universitárias. Barreiras históricas foram estabelecidas à participação das mulheres, não só na ciência, principalmente – onde os obstáculos foram encontrados – mas também nas doutrinas filosóficas (CABALLERO; GARCÍA, 2007, p. 91).

Com este panorama, colocamos à mesa, como a aprendizagem e a educação universi-

tária foram negadas às mulheres, uma vez que, ao não terem acesso a uma educação básica, dificilmente poderiam iniciar os estudos universitários; os registros encontrados confirmaram isso, mas as mulheres que alcançaram uma determinada profissão foram posteriormente contratadas, ingressando em algumas carreiras universitárias, inclusive algumas delas, em diferentes campos de estudo da mesma instituição.

## As estudantes universitárias através dos documentos: primeira metade do século XX

O magistério constituiu parte fundamental da educação das mulheres no ensino superior: “o ensino secundário para as mulheres tornou-se, até a virada do século, sinônimo de educação normal” (STAPLES, 2012, p. 187); isto é, a presença de mulheres na educação superior estava pensada de forma quase totalitária, a partir da formação para o magistério, uma vez que estas eram percebidas como “adequadas” para a educação de crianças, aspecto que tem sido extremamente evidenciado em diversas investigações (LÓPEZ, 2001; GALVÁN, 1985; ALVARADO, 2004; BAZANT, 2012, STAPLES, 2012).

A este respeito, Bazant aponta que:

As mulheres abraçaram a profissão docente porque, na sociedade, foi bem aceita. Acreditava-se em uma predisposição feminina ao ensino: as mulheres eram mais ‘aptas’, bondosas e pacientes, virtudes apreciadas no exercício do ensino, especialmente no caso das crianças pequenas. (2012, p. 289)

Assim, observamos que a inserção das mulheres no ensino superior ocorreu principalmente nas Escolas Normais e com difícil acesso às salas de aula da universidade. Rodríguez de Romo e Castañeda (2014) lembram que foi em torno do ano de 1887 que, pela primeira vez, uma mulher recebeu o título em medici-

na: Matilde Montoya, que se tornou a primeira médica mexicana.

A baixa presença de mulheres estudantes na educação superior foi notoriamente reduzida nas instituições universitárias, inclusive com participação ainda menor no período dos Institutos Científicos e Literários. Bazant (apud TORRES, 2007) indica que os Institutos Científicos e Literários dos Estados da República Mexicana foram criados, durante a segunda metade do século XIX, com a finalidade de ofertar estudos secundários, preparatórios e profissionais. O caso do Instituto Científico e Literário de San Luis Potosí não foi exceção, pois abrigou muito poucas alunas em seus inícios, seguindo a tendência em outras partes da República Mexicana, cujas fundações foram consideradas espaços exclusivamente masculinos (GUTIÉRREZ, 2010; MARTÍNEZ, 2006).

Para o caso de San Luis Potosí, a criação da Escola Normal em San Luis Potosí para Professores, em 1868, inicia uma época de educação e profissionalização das mulheres. Como no resto do país, a profissão docente manteve-se como a primeira opção para o ensino superior das mulheres, razão pela qual a Escola Normal desempenhou um papel fundamental na tarefa educacional e no treinamento de mulheres profissionais em San Luis Potosí.

No entanto, a presença de mulheres estudantes no Instituto Científico e Literário e, posteriormente, na Universidade de San Luis teve uma recepção muito restrita às escolas que conformavam o Instituto em 1923, ou seja, a Escola Preparatória, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Jurisprudência, a Faculdade de Engenharia, a Escola Comercial e a Escola de Estudos Químicos.

No que diz respeito às carreiras, medicina registrou sua primeira aluna em 1907, reconhecida como a primeira médica potosina, a também professora, María Castro de Amerena. Alcocer (1976, p. 28) já indicava:

De maior interesse e transcendência foi a entrada de uma mulher na Faculdade de Medicina: María Castro. Esta inteligente dama foi uma das primeiras mulheres a estudar medicina no país, era professora e entrou na Faculdade de Medicina em 1907, aqui concluiu o curso com notas brilhantes que incluíram uma menção honrosa, toda a carreira; Seu exame profissional foi realizado, juntamente com seu parceiro, futuramente seu marido, Nicolás Amarena, no México, em 1912.

**Figura 1** – Arquivo da senhorita Maria Castro de Amerena.



**Fonte:** CDHRMA, AHUASLP, Caixa 34, Pasta 2, Folio 087,933.

Embora ela tenha sido a primeira mulher a entrar na Faculdade de Medicina, não foi a primeira a se formar com um diploma emitido pela Universidade de San Luis, uma vez que a médica María Castro apresenta seu exame fi-

nal na Escola Nacional de Medicina na Cidade do México, prática comum naqueles tempos. A segunda mulher a completar seus estudos de medicina na instituição foi a Sra. Cirina Portales, que fez seu exame profissional, em 27 de fevereiro de 1920 e, em anos posteriores, as estudantes María de Jesús Pardo e María del Refugio Zárate, que apresentaram seus exames, respectivamente, em 23 de abril de 1923 e 30 de setembro de 1927 (ALCOCER, 1976, p. 30).

Por outro lado, Rodríguez de Romo e Castañeda (2013) corroboram a informação de Alcocer (1976) sobre as primeiras alunas da Faculdade de Medicina, mas acrescentam o seguinte: María del Refugio Zárate Orta, em 1927, María de Jesús Uresti Leija, em 1929, e María del Carmen Bravo Zarate, em 1937, estas duas

últimas, depois, incorporadas como professoras à Universidade de San Luis.

No caso da carreira de enfermagem, a presença de mulheres foi fundamental, desde o seu início, no âmbito da Escola de Medicina e com suas origens em obstetrícia, pois esta carreira abrigou muitas mulheres, desde 1920, inclusive, segundo Anguiano (2005), com antecedentes que remontam a 1877, no então Instituto Científico e Literário.

Anguiano (2005) e Alcocer (1976) concordam que a Sra. María de Jesús Franco de Brambila foi uma das primeiras alunas a realizar o seu exame profissional, no entanto, divergem, quanto às datas, enquanto a primeira autora indica que o exame foi feito em 1923, dias depois da Universidade de San Luis se unificar, o segundo menciona 1920.

**Figura 2** – Curso de enfermagem, 1925.



**Fonte:** Retirada do livro Patrimônio e Memória, Universidade Autónoma de San Luis Potosí (2016, p. 344).

Por outro lado, na carreira de jurisprudência, encontramos – ainda enquanto Instituto Científico e Literário – a senhorita Dolores Arriaga, que se formou na carreira de jurisprudência, em 1920, seguida por Irene Galarza, em 1928, e Julia Navarro, em 1931 (VILLEGAS, 2014).

Na carreira comercial, Reyes (2003) aponta três alunas da escola até 1940, Josefina Gutiérrez, María del Socorro Méndez Arcaraz e Emma Victoria Torres Mora, porém, não se sabe se todas conseguiram concluir sua carreira, de contador público e auditor. E é em

1957 que dois estudantes em tais carreiras são titulados, a senhorita María Anastasia Vázquez Gómez e José Tomás Dávalos. Curiosamente, é nessa escola onde localizamos, até o momento, a professora mais antiga da Universidade, Professora Esther de Santiago. Embora a escola comercial tivesse antecedentes de algumas cátedras que remontam até meados do século XIX, foi em 1927 que a carreira de guarda-livros foi formalmente implementada e, em 1935, a de contador privado. As carreiras de contador público e auditor surgiram em 1938.

A carreira farmacêutica foi implementada no Instituto Científico e Literário, em 1877, dependente também da Escola de Medicina, e seu primeiro aluno graduado foi Mariano Hermosillo, em 1882. Como Escola de Farmácia, foi estabelecida em 1878, e, em 1928, outras carreiras são criadas: farmacêutico, químico farmacêutico, químico petroleiro e ensaiador químico. A primeira mulher a se formar na escola de estudos químicos foi a senhorita Esther Cuellar de Vela Vázquez, seguida de Esther Agundis e Guadalupe Huerta, todas em 1928, sob o título de ensaiador químico. Três anos depois, Teodora Torres, em 1931, e Catalina R. de Zubiaga, em 1932 (PEDRAZA, 1979).

De acordo com Pedraza (1979), antes de 1906, a carreira farmacêutica foi direcionada ao sexo masculino, no entanto, o esforço do professor Isidro Palacios, segundo estudante de pós-graduação do Instituto, como farmacêutico, ajudou as mulheres a abraçar esta especialidade, ministrando cursos práticos de farmácia na Escola de Artes e Ofícios, para jovens damas, o que propiciou que a carreira tivesse boa aceitação do grêmio feminino.

Anguiano (2005) aponta que a presença de mulheres na universidade teve a ver com a decisão do Dr. Juan H. Sánchez – Diretor do Instituto Científico e Literário e posteriormente reitor da Universidade de San Luis – em sua

diposição de incentivar e inscrever suas filhas na instituição, sendo, por isso, uma pessoa reconhecida na cidade, pois sua decisão foi considerada como um exemplo a ser seguido pelas famílias potosinas.

Assim, constatamos que a presença de alunas nas carreiras existentes na universidade era incomum. Somente na segunda metade do século XX é que podemos encontrar dados mais precisos das alunas, uma vez que mais faculdades foram criadas e outras carreiras foram oferecidas. Por exemplo, a Escola de Ciências Químicas formou 84 estudantes de suas quatro carreiras, no período de 1878 a 1943. No início da segunda metade do século XX, entre 1942 e 1979, 917 estudantes formaram-se, a partir da criação de mais cinco cursos naquela escola. Como consequência, isso representou um enorme crescimento e, portanto, uma opção de estudo para as mulheres potosinas (PEDRAZA, 1979, p. 57).

Em um estudo de características semelhantes, no âmbito da Universidade de Guadalajara, Fernández (1995, p. 104) descobriu que as mulheres que se formaram nesta universidade, de 1925 a 1933, escolheram as seguintes carreiras: 73 como professoras do fundamental, 55 farmacêuticas, 11 nas profissões do comércio, 9 parteiras, 6 enfermeiras, 4 dentistas, 3 enfermeiras parteiras, 2 médicas e 1 advogada.

Na Universidade de San Luis, de maneira diversa, as mulheres foram incluídas nas salas de aula, tardiamente, o que não aconteceu com a formação de normalistas, pois, desde 1868, foi criada a Escola Normal para senhoritas, no Estado de San Luis Potosí

## As estudantes universitárias através de suas palavras, segunda metade do século XX

Como já mencionado, o acesso das mulheres ao ensino superior foi um campo tendencio-

so; por muito tempo, sua educação girava em torno de ensiná-las sobre o casamento e as tarefas domésticas, motivo pelo qual poucas garotas tiveram o privilégio da educação básica, e algumas outras, que eram privilegiadas, alcançaram o ensino superior, mas optando por carreiras universitárias consideradas “apropriadas” para as mulheres, como foi o caso da carreira de enfermagem e obstetrícia, pois se pensava que as mulheres possuíam aptidões naturais para o exercício de tais profissões (STAPLES, 2012; GALVÁN, 1985).

De acordo com Gutiérrez (2010), no início do século XX, a matrícula de meninas nas escolas primárias do ensino fundamental aumentou, mas esse não foi o caso das que se inscreveram no primário superior (ensino médio, no Brasil) e menos ainda das mulheres, que frequentavam escolas normais ou profissionais, educação que permanecia, até então, o privilégio de poucas.

Nesse sentido, recuperar as trajetórias estudantis e profissionais das mulheres que tiveram acesso ao ensino superior, nas décadas 1950 e 1960, nos permite reconhecer suas experiências em um espaço que permaneceu por muito tempo reservado ao sexo masculino.

Carli (2016, p. 84) aponta que “é necessário aprofundar as dimensões de gênero, enquanto nas figuras do intelectual e do professor um certo androcentrismo parece prevalecer”.

Por isso, é através da história oral que propomos uma abordagem das alunas e professoras que nos permite conhecer suas experiências e situação universitária. As duas entrevistadas tiveram condições econômicas que lhes permitiram continuar seus estudos, além de terem o apoio moral de seus pais. Através de suas experiências, podemos compreender como a solidariedade de seus pais, seu interesse pelo conhecimento e as condições sociais que as rodeavam, permitiram que continuassem seus estudos e, posteriormente,

fossem incluídas como professoras na mesma universidade.

### *Estudar para ser uma advogada, uma viagem universitária*

A professora L. nasceu na cidade de San Luis Potosí, em 1936; seus avós paternos eram de um município em San Luis Potosí, o avô dedicou-se à agricultura e sua avó era dona de casa; tiveram cinco filhos, entre os quais estava seu pai. Todos dedicaram-se à agricultura, apenas seu pai era um professor, político e líder do magistério. Seus avós maternos também tiveram cinco filhos. Como muitas pessoas da classe média na cidade, seu avô trabalhava na ferrovia, sendo maquinista, sua avó era dona de casa e morreu durante uma epidemia, em 1918. Diferentemente de sua família paterna, seus tios maternos, primos e sua mãe estudaram; alguns foram professores, e sua mãe foi pianista, dedicava-se a aulas particulares, a tocar em concertos e era professora de música na Escola Normal do Estado.

A professora L. teve cinco irmãos, mas dois morreram quando crianças; ela era a quarta na família, suas irmãs se dedicaram à educação musical, como sua mãe, e seu irmão, como seu pai, político, professor da Escola Normal e advogado.

A professora L. foi uma educadora, pois não estava interessada em política, mas decidiu seguir a carreira universitária, que se caracterizava por ser uma carreira masculinizada e relacionada à política. Ao longo de sua carreira, ela trabalhou como professora de pré-escola e muito pouco como advogada.

Ingressou no Bacharelado em Direito em 1969. Sua chegada à universidade deu-se por iniciativa própria, pois, na época, ela trabalhava como professora na educação pré-escolar, profissão à qual se dedicava desde 1952. A professora L. contava com uma situa-

ção privilegiada para matricular-se no ensino superior, na década de 1960, que não estava disponível para uma grande parte das mulheres potosinas.

Muitas meninas não estudavam nem trabalhavam, eu, graças a Deus, pude estudar e trabalhar, já me deixavam, eu tive que dizer para minha mãe que eu iria estudar, [ela] queria que todos nós fôssemos pianistas, mas eu disse a ela que queria estudar, para ser uma educadora advogada; ela não disse nada, eu trabalhei para pagar tudo, só pedi permissão, trabalhei para meus estudos, nunca a incomodei. (Entrevista com a professora L.)

Estudar em uma universidade permitiu que a professora percebesse que a desigualdade de gênero também predominava na educação formal e institucional.

Eu cursei o ensino médio e a faculdade, na faculdade de direito, a escola era muito famosa, tínhamos alguns grandes professores que dominavam muito bem a sua matéria, apesar de não terem um doutorado. [...] quando eu estava no ensino médio, havia um professor que dava raízes gregas [etimologia] e tinha 250 alunos, e a outra professora, que lecionava o mesmo assunto, tinha apenas 8 alunos [...] eu comecei a estudar o ensino médio e a universidade já adulta, mais ou menos com 25 anos, e terminei com 32 anos, nunca fui reprovada, nem fiquei de recuperação, nem nada.

Palomar (2017) aponta que homens e mulheres não tiveram uma relação igualitária, no que se refere à faculdade, já que o acesso para as mulheres tem sido difícil. A professora L. mencionou isso em sua experiência.

Quando entrei na universidade, em 1969, éramos poucas mulheres, na foto da geração em que aparecemos, éramos apenas três mulheres, mas as outras duas foram reprovadas, então elas saíram da mesma geração que eu.

Além do custo dos estudos, o acesso aos livros também representava um esforço econômico familiar. No caso da professora L., o

pagamento vinha de sua própria renda, como educadora, que ela distribuiu entre os estudos e sua casa.

No colegial, pagava 10 pesos e tinha professores muito bons, mas depois tive uma bolsa e não paguei nem os 10 pesos; na universidade, eu pagava 25 pesos [...]; minhas leituras não eram muitas, depois de tantos Quixotes, o que eu ia ler!? O professor de literatura universal pedia muitas leituras, e, naquela época, era o ano todo, não por semestres. Também naqueles tempos não havia muitos livros circulando, era difícil adquiri-los, e era preciso perguntar quem poderia emprestá-los.

Por outro lado, os estudos também representaram alguns esforços, como educadora sem título é dispensada de um grupo e colocada como professora de música até obter seu título de professora normalista, ao mesmo tempo em que realiza seus outros estudos, que lhe custaram também parte de sua saúde.

Em dez anos que trabalhei como pianista, estudei o fundamental II, a Escola Normal, o ensino médio e a universidade; tudo isso fiz em 10 anos, porém tive anemia, por ser tão abusiva, como era jovem, não sentia nada, mas como eu era abusiva comigo mesma e teimosa tive anemia. Eu tinha aula desde as 7 horas da manhã e eu só tomava um gole de café ou comia um pedaço de pão, mas como não sentia nada, continuei, mas comecei a ter problemas na visão de um dos olhos e fui ao médico, e ele disse: não pode ser! Você tem uma catarata! Eu tinha pouco mais de 30 anos e isso é típico de uma pessoa de 70 anos.

Ao terminar sua carreira como advogada, ela continuou trabalhando como educadora em um jardim de infância. No entanto, também era professora do ensino médio, que integrava a universidade, e que ela deixou no final do ano, por reformas institucionais.

Eu lecionei na universidade na década de 1970, no ensino médio da universidade; nessa época, muitos jovens seminaristas vieram para estudar porque o bispo os enviou [...] Eu acredito que



a universidade te dá uma outra perspectiva de vida, em primeiro lugar, que você pensa, eles te ensinaram a pensar, eu ainda posso pensar, posso opinar, posso dizer. Por que vou ficar calada? Só porque sou aposentada? Acho que estudar Direito me deu outra perspectiva, fui muito feliz o tempo todo que estive advogando, indo para os tribunais, durou pouco, mas eu fui muito feliz.

Ainda que a professora se dedicasse a três atividades: advogada, professora universitária e professora de pré-escola, a carreira que predominou em sua vida foi a última, pois foi graças a essa profissão que ela pôde pagar seus estudos na universidade e desfrutar de um aposentadoria que lhe permitiu viver modestamente na velhice.

### *Estudar enfermagem, sua luta para ser reconhecida*

A professora H. nasceu na cidade de Rio Verde, San Luis Potosí, no ano de 1935. Seu pai era um professor normalista e sua mãe costureira e dona de casa. Ela tinha cinco irmãos, três homens e duas mulheres, dos quais três eram profissionais: uma professora normalista, uma médica e uma enfermeira. Seu pai, além de ser professor em Escola Normal, dedicou-se à venda de medicamentos, com a instalação de uma farmácia, nascendo daí o interesse de H. pela enfermagem

A professora completou seus estudos do ensino fundamental na cidade de Rio Verde. Ela viajou para a capital de San Luis Potosí para cursar a carreira de enfermagem, na Universidade de San Luis, ficando com sua mãe na cidade. Ele cursou enfermagem na universidade, nos anos de 1952 a 1957. A mudança de residência para a capital representou um momento difícil, já que seu lugar de origem era pequeno e tranquilo. Após a formatura na universidade, H. foi selecionada para ir à Cidade do México, para uma especialização na

docência, e que poderia acrescentar a sua carreira de enfermagem, como professora de ensino prático. Ela cursou o ensino médio depois de completar enfermagem, nos anos de 1961 e 1962. Como professora, ela entrou para a universidade em 1959 e, 10 anos depois, pediu uma licença, de 1970 a 1978, ausentando-se para se dedicar à família. Durante esses 8 anos, ela viveu entre a Cidade do México e a cidade de Cuernavaca, Morelos, devido ao trabalho de seu marido. Após seu retorno à cidade de San Luis Potosí, ela ingressou novamente na universidade, como professora de meio período, o que também lhe permitia dedicar-se à sua família.

A professora H. nos conta como sua chegada à capital de San Luis Potosí foi cheia de dificuldades.

Para mim, foi um impacto muito grande [chegar à universidade], meu pai veio e me matriculou, eu me sentia apoiada pelas companheiras que vieram de Rio Verde e pela mãe de uma delas, que cuidou de nós, que nos aconselhou, eu senti o apoio dessas pessoas. Além disso, outra coisa muito importante e já falando da prática real, da escola [...] tínhamos que nos apresentar nos escritórios da sede da enfermagem, e lá eles nos davam as instruções de como colocar o uniforme, com quem confeccionar etc. Para mim, foi muito impressionante o primeiro ano, diante da prática, aulas teóricas e a cidade. Mais tarde você vai se adaptando e se familiarizando. (Entrevista com a professora H.)

Assim como na carreira de Direito, a carreira de enfermagem era dirigida por professores de medicina, nas aulas teóricas, e as aulas práticas, no hospital, eram ministradas pelas enfermeiras titulares.

Anguiano (2005) aponta que apesar de ser, no início, uma carreira feminizada, a presença de professores no corpo docente das escolas de enfermagem era notória:

Aqueles que ensinaram as aulas teóricas eram médicos, não se sabe se as parteiras também

estavam envolvidas, como é o caso da escola de enfermagem da UNAM, em que, dada a participação e o prestígio, elas davam aulas para estudantes de medicina e enfermagem. (2005, p. 32)

Apesar disso, também havia na faculdade de medicina algumas professoras que colaboravam na carreira de enfermagem e lecionavam aulas teóricas. Com elas, a professora H. conseguiu estabelecer laços importantes, que lhe permitiram continuar sua carreira, apesar das dificuldades.

As aulas eram muito pesadas, mal comia e já trocava de roupa para ir às aulas teóricas, no prédio central, e os professores eram ... Eu tive uma professora que me protegeu muito, a Dra. Maria del Carmen Bravo [...]. Então, eu tive duas pessoas que me apoiaram muito, a mãe de uma companheira, que me apoiou durante o primeiro ano da minha carreira, quando cheguei em San Luis e a Dra. Bravo.

Deve-se notar que a Dra. Carmen Bravo foi uma das primeiras alunas da faculdade de medicina, ingressando como professora, em 1945, na escola de enfermagem e obstetrícia, com as matérias de práticas hospitalares, serviço social, puericultura e pediatria (VEGA, 2016).

Por outro lado, a professora H. fala sobre a relação médico-enfermeira, professor-aluna, algumas experiências vivenciadas em relações de gênero que, ao longo do tempo, permitiram definir o espaço de ação entre medicina e enfermagem, com isso, as enfermeiras tentaram dar status diferente a sua profissão.

Os professores que naquela época eram médicos olhavam para nós, o que todo mundo já sabe, o médico chefe, e a enfermeira assistente do médico, o velho conceito que se tinha. Ainda existem ambientes dessa natureza.

Palomar (2017) menciona isso, em relação às mulheres e à ciência: havia apenas dois caminhos, o primeiro era tentar entrar na universidade, o que era complicado; e o segundo era ser uma “assistente invisível” de algum ho-

mem, seja marido, irmão ou pai, neste contexto, diríamos médico ou professor.

Os médicos nos diziam “você sabem, vocês são produto de nós” [...] em geral, a relação médico-enfermeira sempre foi muito boa, não havia atrito nem nada, sempre respeitando, aqueles que às vezes eram um pouco difíceis de lidar eram residentes ou estagiários, às vezes se consideravam muito superiores. Mas também as enfermeiras têm que tomar o seu lugar. Uma companheira disse ao médico: “Não grite comigo”. Porque há casos em que o médico se sente muito superior à enfermeira e diz “você obedece”, eles são às vezes vistos como o topo da hierarquia.

A resistência em se posicionar nesse papel motivou as enfermeiras a pensarem sobre sua profissão de maneira diferente. Com o passar do tempo dentro da universidade, as enfermeiras não eram mais chamadas de “instrutoras ou senhoras”, mas eram chamadas de “professoras”.

Com o passar dos anos, havia uma harmonia entre os professores médicos e nós as enfermeiras, havia respeito por nós, eles nos reconheciam, e esse reconhecimento também se refletiu nas estudantes de enfermagem, elas sentiam muito suporte e respeito, além do status social do enfermeiro, que cresceu, tínhamos eventos socioculturais, como a imposição do quepe.

Graças à luta de três professoras, incluindo a professora H., a enfermagem como uma carreira universitária e o grêmio formado propriamente por um grupo feminino deu-se o início de uma nova maneira de olhar para a enfermagem, agora como profissionais e não como assistentes.

## Reflexões finais

As estudantes encontradas nos arquivos históricos nos mostram como algumas poucas puderam ter acesso ao ensino superior, seja por interesse próprio ou por causa das condições

em que elas viviam. O que sabemos é que algumas das mulheres que ingressaram no ensino superior universitário já haviam seguido uma primeira carreira, como professora normalistas.

Das primeiras alunas encontradas nos documentos não sabemos muito, porém, pudemos conhecer um pouco de sua vida, através das vozes de seus estudantes, com quem compartilharam sua vida universitária cotidiana.

Nesta investigação localizamos algumas das primeiras alunas, da então Universidade de San Luis, nos primeiros anos de sua autonomia. No entanto, ainda há muito a se trabalhar, como aponta Perrot (1992), pois fazer história é reconstruir as memórias daquelas pessoas esquecidas, através de sua presença no cotidiano, preenchendo lacunas no tempo e reconhecendo-as como autoras da educação, como aquelas mulheres precursoras do ensino superior, mas ao mesmo tempo formadoras de outras gerações. É, assim, olhá-las através de documentos, mas também através de suas vozes e é nessas vozes que percebemos que sua jornada, no ensino superior, esteve marcada por lutas constantes para conquistar espaços, construir identidades profissionais, até mesmo colocar a própria saúde em risco pelos objetivos educacionais.

Aceves (1993) aponta que “a história não está só escondida atrás dos documentos, mas também aparece na memória atual, nas palavras e experiências da vida das pessoas que testemunharam determinada história”. Nesse caso, escutar as palavras das mulheres que ingressaram no ensino superior, em San Luis Potosí, permitiu-nos perceber a lacuna que houve entre o dever e o ser das mulheres da época. Elas enfrentaram, como aponta Nelson (2004), uma escolha forçada, entre uma carreira pública ou o casamento, assim, aquelas que decidiram continuar com seus estudos tinham que enfrentar os estereótipos negativos que a sociedade lhes impunha. Por esta razão, tra-

zer essas mulheres à luz não significa apenas preencher lacunas na história, mas também reconhecer que, graças a suas decisões, mais e mais mulheres ainda estão lutando para obter espaço nas salas de aula.

Sabe-se que ainda há muitas disputas na educação, mas reconhecer os passos de outras mulheres nos ajuda a pensar que isso deve ser visto não como um privilégio, mas como um direito.

## Referências

- ACEVES, Jorge. **Historia oral**. México: Instituto Mora, 1993.
- ACKER, Sandra. **Género y educación. Reflexiones sociológicas sobre mujeres, enseñanza y feminismo**. Barcelona: Narcea, 2000.
- ANGUIANO, Hortensia. **Historia de la Facultad de Enfermería**. San Luis Potosí: Universidad Autónoma de San Luis Potosí, 2005.
- ALCOCER, Alberto. **Historia de la escuela de medicina de la Universidad Autónoma de San Luis Potosí 1877-1977**. San Luis Potosí: Academia de História Potosina, Aconcáguá, 1976.
- ALVARADO, María de Lourdes. **La educación superior femenina en el siglo XIX. Demanda social y reto gubernamental**. México: CESU-UNAM, 2004.
- BAZANT, Mílada. La educación moderna, 1867-1911. In: GONZALBO, Pilar; STAPLES, Anne. (Coords.) **Historia de la educación en la Ciudad de México**. México: El Colegio de México, 2012. p. 245-311.
- CABALLERO, Martha; GARCÍA, Patricia. **Curso de vida y trayectorias de mujeres profesionistas**. México: El Colegio de México. 2007.
- CARLI Sandra. Deconstruir la profesión académica: tendencias globales y figuras históricas. Una exploración de las biografías académicas de profesoras universitarias. **Propuesta Educativa**, Año 25, v. 1, n. 45, p. 81-90, jun. 2016.
- CASTELLANOS, Rosario. **Mujer que sabe latín...** México: Fondo de Cultura Económica. 2012.

- ESCALANTE, María Guadalupe. **Crisis política, reforma educativa y reconfiguración institucional de la formación de profesores y profesoras en San Luis Potosí 1911-1930**. 2013. 408 f. Tese (Doctorado en Ciencias Sociales) – El Colegio de San Luis, A.C., San Luis Potosí, 2013.
- FERNÁNDEZ, María Teresa. Las mujeres graduadas en la Universidad de Guadalajara 1925-1933. In: CASTAÑEDA, Carmen. (Coord.). **Historia social de la Universidad de Guadalajara**. Guadalajara: Universidad de Guadalajara; CIESAS, 1995. p. 97-122.
- GALVÁN, Luz Elena. **La educación superior de la mujer en México 1876-1940**. México: CIESAS, 1985.
- GUTIÉRREZ, María del Carmen. **Abriendo brecha. Las mujeres en las escuelas profesionales del Estado de México (1917-1943)**. México: ISCEEM-CEMYBS, 2010.
- HERNÁNDEZ, Francisco. **Voces, rostros y testimonios de profesoras potosinas en el Porfiriato**. San Luis Potosí: BECENE; Gobierno del Estado; Secretaria de Cultura, 2012.
- LÓPEZ, Oresta. **Alfabeto y enseñanzas domésticas: el arte de ser maestra rural en el Valle del Mezquital**. México: CIESAS; SEP; CONACYT, 2001.
- MARTÍNEZ, Sara. **Mujeres y universidad. Vidas académicas**. Colima: Universidad de Colima, 2006.
- NELSON, Margaret. La historia oral como forma de reconstrucción de las experiencias de las maestras en Vermont, 1900-1950. In: GOODSON, Ivor. **Historias de vida del profesorado**. Madrid: Octaedro, 2004. p. 223-243.
- PALOMAR, Cristina. **Feminizar no basta. Orden de género, equidad e inclusión en la educación superior**. México: ANUIES, 2017.
- PEDRAZA, José. **Apuntes históricos de la escuela de Ciencias Químicas de la Universidad Autónoma de San Luis Potosí**. San Luis Potosí: Universidad Autónoma de San Luis Potosí, 1979.
- PERROT, Michelle. Haciendo historia: las mujeres en Francia. In: RAMOS ESCANDÓN, Carmen. (Org.). **Género e historia: la historiografía sobre la mujer**. México: Instituto Mora, 1992. p. 66-85.
- PATRIMONIO Y MEMORIA. San Luis Potosí: Universidad Autónoma de San Luis Potosí, 2016.
- REYES, Sergio. **Historia de la Facultad de Contaduría y Administración de la UASLP**. San Luis Potosí: Universidad Autónoma de San Luis Potosí, 2003.
- RODRÍGUEZ DE ROMO, Ana Cecilia; CASTAÑEDA, Gabriela. **Desafiando a la tradición. Las primeras egresadas de las escuelas de medicina de México (1887-1936)**. México: Academia Nacional de Medicina; CONACYT; UNAM, 2014.
- RODRÍGUEZ DE ROMO, Ana Cecilia; CASTAÑEDA, Gabriela. **Las primeras potosinas en la medicina mexicana**. México: UNAM; UASLP, 2013.
- STAPLES, Anne. Ciudadanos respetuosos y obedientes. In: GONZALBO, Pilar; STAPLES, Anne. (Coords.). **Historia de la educación en la Ciudad de México**. México: El Colegio de México, 2012. p. 175-238.
- TORRES, Gabriela, **Los primeros pasos de la autonomía universitaria, 1922-1924**, San Luis Potosí: Universidad Autónoma de San Luis Potosí, 2007.
- VEGA, Blanca Susana. Mujeres en la educación: las profesoras universitarias del siglo XX en San Luis Potosí (1923-1952) In: ZERBINATTI, Dislane; VERBENA, Maria Richa; OZERINA Victor de Oliveira. (Orgs.). **Narrativas digitais, história, literatura e artes na pesquisa (auto) biográfica**. Curitiba: CRV, 2016. p. 313-324.
- VILLEGAS, José Alfredo. **Historia de la Facultad de Derecho “Abogado Ponciano Arriaga Leija”**. San Luis Potosí: Universidad Autónoma de San Luis Potosí, 2014.

## Fontes de arquivo

Centro de documentação histórica “Lic. Rafael Montejano e Aguiñaga” do Arquivo Histórico da Universidade Autónoma de San Luis Potosí. Série: Reitoria

## Fontes orais

Entrevista com a professora L. realizada por Blanca Susana Vega Martínez na cidade de San Luis Potosí, 2012.

Entrevista com a professora H. realizada por Blanca Susana Vega Martínez na cidade de San Luis Potosí, 2018.

Recebido em: 09.07.2018

Aprovado em: 30.10.2018

**Blanca Susana Vega Martínez** – Doutora em Humanidades, Professora pesquisadora no Instituto de Ciências da Educação da Universidade Autônoma de San Luis Potosí, membro do grupo de pesquisa em Psicologia e Educação da Faculdade de Psicologia da UASLP. E-mail: [susanavega8@hotmail.com](mailto:susanavega8@hotmail.com)

Francisco Peña esq. Benigno Arriaga. Fraccionamiento del Real. San Luis Potosí, SLP., México  
Telefono: +052 4448262300 ext. 8717